

Brasília se curva ao peso dos monumentos

ADRIANA VASCONCELOS

Brasília, a cidade monumental. Também poderia! Com cerca de 67 monumentos e marcos escultóricos espalhados por vias públicas, não caberia à Capital Federal qualquer outro título. Todo esse acervo cultural que se transformou em um atrativo turístico para a região, no entanto, só tem um guardião: o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura, responsável pela fiscalização, conservação e restauração da maioria das obras erguidas na cidade por um seleto grupo de artistas.

Dos movimentos mais famosos como a Catedral ou o Panteão da Democracia, que recebem mensalmente a visita de quase dez mil pessoas, até os menos conhecidos, como a escultura "Dinamismo Olímpico", do escultor Bruno Giorgi, localizada em frente ao Ginásio de Esportes Nilson Nelson, todos são trimestralmente visitados por uma única funcionária do DPHA, Zilá Messeder. Ela conta que essa fiscalização sistemática teve início no ano passado, depois da conclusão da primeira etapa do "Projeto de Preservação dos Monumentos, Marcos e Esculturas localizadas no espaço urbano de Brasília".

O projeto teve início no final de 1987, depois de ter sido realizado um detalhado levantamento do estado de conservação dos monumentos, marcos e esculturas. Sob orientação de seus próprios autores e executores, 17 obras foram restauradas, o que custou para os cofres do DPHA, na época, R\$ 2 milhões 500 mil. Segundo Zilá Messeder, um grande problema para se conservar as obras erguidas em Brasília é justamente a falta de recursos financeiros.

DIVIDINDO

Na tentativa de driblar a crise econômica, o DPHA, atualmente, está dividindo a responsabilidade de conservação de alguns monumentos e esculturas com órgãos públicos ou priva-

dos. A cópia da "Loba do Capitólio Romano", localizada no jardim do Palácio do Buriti, por exemplo, é conservada pelo Gabinete Militar do GDF.

A "Loba" foi presenteada pelo prefeito de Roma ao prefeito Israel Pinheiro, pouco antes da inauguração de Brasília. Ela foi colocada no lugar onde, mais tarde, seria construído o Palácio do Governo do DF. Em 1962, a obra foi roubada por alguém que talvez acreditasse que dentro da coluna de mármore, que sustenta a loba de bronze, pudesse haver alguma coisa de valor. O ladrão partiu a coluna no meio e em seguida jogou o presente italiano no cerrado. Somente anos depois a escultura foi encontrada e restaurada.

A falta de sensibilidade de parte da população para apreciar tantos monumentos representa outra preocupação para o DPHA. De acordo com Zilá Messeder, muitas obras não conseguem escapar da ação depredadora de alguns vândalos: "Durante o primeiro levantamento feito pelo órgão para se tomar conhecimento do estado de conservação dos monumentos e esculturas da cidade, constatamos que várias obras estavam pichadas, quebradas e até mesmo perfuradas por tiros".

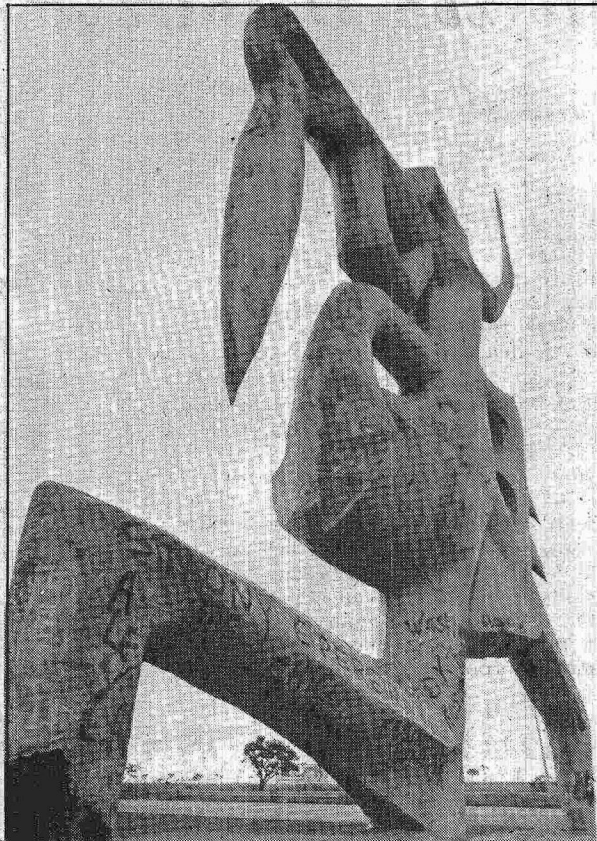
A escultura de Yutaka Toyota, "Espaço Cósmico", localizada no balão do Aeroporto, foi uma das que tiveram de ser restauradas. Ela encontrava-se toda perfurada por balas de armas de fogo. Construída em alumínio pintado e concreto, a obra foi doada ao GDF em 1981. Vítima da ação do homem, o prédio da Ermida Dom Bosco, primeira construção em alvenaria de Brasília, levantada em 1956, é quase que diariamente danificado pelos fiéis que insistem em acender velas no local.

"Apenas uma campanha educativa poderia mudar esse quadro", explica Zilá. Ela diz que o DPHA não tem fiscais para vigiar as obras: "Só eu que visito trimestralmente cada uma delas e as fotografo".

FOTOS: CARLOS SILVA



A Loba do Capitólio é conservada pelo Gabinete Militar



Solarius, do francês Ange Falchi, precisa de restauração



Dinamismo Olímpico, de Bruno Giorgi, atrai muito turista

Os artistas da capital

Ao se pensar nos monumentos de Brasília, o nome de Oscar Niemeyer sempre é lembrado com destaque. Porém, nem tudo na cidade tem o toque e a inconfundível marca do arquiteto. O mineiro Alfredo Ceschiatti, falecido em agosto passado, talvez seja o escultor mais visto do Brasil, justamente por algumas de suas obras estarem localizadas na Capital Federal e figurarem em grande escala em fotografias e cartões-postais.

A ligação de Ceschiatti com Brasília teve início antes mesmo de sua inauguração. Em 1958, começou a trabalhar nas esculturas que anos mais tarde se transformariam praticamente em selos da cidade. É o caso de "As Banhistas", no lago do Palácio da Alvorada, "Os Anjos" e "Os Quatro Evangelistas", na Catedral, ou "A Justiça", em frente ao Supremo Tribunal Federal. Ao todo são 18 obras expostas na cidade, esculpidas em bronze e pedra.

Tantas obras lhe deram o título de "Escultor de Brasília". Ele participou ativamente da criação do Departamento de Artes da UnB, desligando-se contudo, em 1964 por motivos políticos. Sua última contribuição para a Capital aconteceu em 1987 e 1988, quando participou do "Projeto de Preservação dos Monumentos, Marcos e Esculturas de Brasília" promovido pela Secretaria

de Cultura, que teve como objetivo restaurar 17 obras.

GIORGI

Nascido em Belo Horizonte, em 1918, Ceschiatti não titubeou em se mudar para o Rio de Janeiro para ingressar na Escola Nacional de Belas Artes, onde lapidaria seu talento. O mais importante prêmio recebido ao longo da carreira foi a Viagem ao Exterior, no Salão Nacional de Arte Moderna, com o qual teve oportunidade de ir para a Europa.

Somente na volta é que se uniu a outros três artistas plásticos, Athos Bulcão, Bruno Giorgi e Marianne Peretti, para completar o projeto arquitetônico de Niemeyer. Giorgi, por exemplo, também tem suas obras misturadas com a própria história e símbolos da cidade. Ele é o autor da escultura "Os Candangos", localizada na Praça dos Três Poderes desde 1961.

Um outro nome que merece destaque quando se estuda a história de todo esse acervo cultural de Brasília é o do fundador Zeno Zani, executor da maioria das obras de Giorgi e Ceschiatti — esse exigiu que a Novacap contratasse um fundador de sua confiança na época da inauguração da cidade. No ano passado, ele acompanhou pessoalmente o trabalho de restauração das esculturas que executou, como a de "Os Candangos", "As Banhistas" e "Os Quatro Evangelistas".